

Colher o dia:

O sentido da vida em Montaigne e Eclesiastes

Antonio Herci Ferreira Júnior

antonioherci@yahoo.com

Montaigne, no *Filosofar é aprender a morrer*, nos remete ao Eclesiastes, em nota de questionável relevância, mas que revela uma característica marcante, comum entre os textos: a argumentação do pró-ao-contra na busca de respostas. Podemos nos preparar para a morte? Diante dela, existe algum ganho em nosso trabalho debaixo do sol? Os textos oscilam entre a afirmação e a negação, dando razão alternadamente a posições contrárias: nada nos prepara para a morte, mas tudo é preparação para ela, já que efetivamente estamos a morrer. Nada ganhamos debaixo do sol, mas ganhamos em alegria ou aflição de espírito todos os dias. Caminhamos para a morte, mas as razões dos textos nos convidam a colher no dia o sentido de viver bem.

Palavras-chave: Pensamento contrário - Pró-ao-contra - Tempo cíclico

To harvest the day: The meaning of life in Montaigne and Ecclesiastes

Montaigne, in *To study philosophy is to learn to die*, in a note of doubtful relevance send us to Ecclesiastes revealing an important characteristic common to both texts: the argumentation of pro-to-con in search of answers. Can we prepare ourselves to die? In face of it is there any profit in our work below the sun? The texts oscillate from affirmation to negation, alternatively giving reason to contrary positions: nothing prepares ourselves to death, but all is preparation for it once we are in fact dying. We gain nothing below the sun, but every day we gain in spiritual joy or anguish. We are walking towards death, but the reasons of the texts invite us to harvest the day the meaning of well living.

Keywords: Contrary thought - Pro-to-con - Cyclic time.

À memória do seu Oswaldo, que morreu pescando*

“Entre cem aspectos da mesma coisa, tomo um. E ora o debico apenas, ora o mordisco, ora vou até o osso. Escruto-o, não em larga superfície, mas tão profundamente quanto mo permite o meu saber, e as-mais das vezes me comprazo em o encarar por um ângulo diferente do habitual.”

Montaigne (*Ensaio*, I, L)

Nosso objetivo é comparar dois textos, *De como filosofar é aprender a morrer*, de Montaigne, e o livro do Eclesiastes¹ (Eclesiastes 2) e investigar as semelhanças entres as estruturas de argumentação. A justificativa mais imediata que podemos apresentar para permitir essa interpretação é, sem dúvida, a própria remissão do filósofo no início de seu Ensaio (Montaigne 5, Livro I, XX, p. 48).

Em verdade, ou nossa razão falha ou seu objetivo único deve ser a nossa própria satisfação, e seu *trabalho* tender para que vivamos bem, e com alegria, como recomenda a Sagrada Escritura (Eclesiastes 2, III, 12).

Na edição de *Maurice Rat* (Montaigne 4, I, XX, p. 81s), no mesmo trecho, somos remetidos à nota (198) do autor:

“E como sabemos, diz o Eclesiastes (3,12), não há nada melhor do que se alegrar e reter os bons momentos da vida.”² (Montaigne 4, p. 408).

Diz o Eclesiastes no versículo 3,12:

Compreendi que nada há de melhor para eles [homens] senão alegrar-se e fazer o bem na vida (Eclesiastes 2, 3,12. In: Duarte 1, p. 75).

Não se trata de analisar ou explicar os textos em seu conteúdo, um à luz do outro ou, sendo a procura deles a mesma – o sentido da vida –; não se trata também aqui de descobrir um sentido para ela. Vamos simplesmente comparar duas *estruturas de argumento para tentar mostrar suas similaridades*.

O principal ponto de aproximação é, a nosso ver, que ambos, para ponderar as questões que colocam, oscilam da afirmação à negação, dando razão alternadamente a posições contrárias, costurando citações, aforismos e máximas, realizando o movimento que chamaremos de *pró-ao-contra*. Por meio dele, instanciam-se afirmações umas em outras, com amplitudes e contextos diferentes, investigando suas verdades e por qual lado ou enfoque

* Oswaldo Jurandia foi Funcionário da USP por 30 anos e faleceu em 2007.

tendem à falsidade. Movimento que parece revelar que tais verdades não são absolutas, pois nos mostram que tendem à falsidade justamente quando deixam de ponderar o lado contrário.

No entanto, quando Montaigne nos remete ao Eclesiastes, não o faz tão explicitamente ou de forma tão visível como com os demais autores citados. Aparentemente a citação não passa de um comentário passageiro, talvez algo irônico, sendo que nem mesmo consta em algumas edições. Trataremos aqui de uma comparação *entre* os textos e não dos motivos subjetivos de Montaigne.

1. Montaigne e Eclesiastes

1.1. O Qohélet

O Eclesiastes (Qohélet) é particularmente polêmico desde as suas raízes hebraicas até sua incorporação cristã e tem exercido grande fascínio sobre leitores de diversas épocas e perfis, suscitando polêmicas e questionamentos, quando não inspirando poemas e adaptações.

A maioria dos estudiosos concorda em situar o livro do Eclesiastes entre os anos 300 e 200 a.C. e, como lugar de origem, a Palestina (Duarte 1, p. 16). Já foi tachado de contraditório, cínico, racionalista, pessimista, cético, agnóstico, determinista, niilista, epicurista, tendo sido questionado quanto a sua canonicidade ou mesmo acusado de heresia. (Duarte 1, p. 25). Mas, apesar da polêmica que gera até hoje, foi reconhecido tanto pela tradição judaica quanto pela cristã: no Concílio de Trento houve a dogmatização do que já era uma posição comum entre os cristãos.

A autoria salomônica do livro foi também aceita pelas tradições. Com o avanço para a modernidade, no entanto, muitos começaram a questionar isso. Lutero já não mais atribuía o livro de Qohélet a Salomão³. As próprias contradições do texto sugeriam a existência de mais de um autor.

Atualmente tem-se preferido dar ênfase à unidade da obra relativizando a discussão da multiplicidade dos autores. Segundo essa teoria, a *das Citações* (Duarte 1, p. 34), as posições divergentes *seriam citações de posições contrárias posteriormente submetidas a refutações*: as partes contrastantes do livro *são máximas tiradas da sabedoria tradicional*, como por exemplo do livro dos Provérbios, que Qohélet retomava e dava um *sentido* ou outro (Cf. Duarte 1, p. 34).

Quanto à interpretação, o Qohélet é também polêmico e guarda diversas áreas de atrito com a tradição bíblica. Talvez a mais notável seja a concepção *cíclica de tempo*.

Ao longo de toda a Bíblia, a concepção de tempo é um só fluir, com um só começo no ato divino da Criação e um só final dos tempos, com a salvação ou danação eternas. O Eclesiastes é uma notável exceção.

O que foi, isso é o que há de ser; e o que se fez, isso se fará; de modo que nada há de novo debaixo do sol (Eclesiastes 2, 1, 9).

Por outro lado, afirma que o caminho de todos é a morte; terminada esta vida não há outra, não há mais nada: nem ação, nem conhecimento, nem sabedoria (Eclesiastes 9,10 e 3,20).

Um outro ponto que chama a atenção é a reflexão de Qohélet estar centrada na vida humana terrena (debaixo do sol), aparentemente não seguindo a tradição bíblica de considerar o ganho do trabalho humano em relação ao *pós-morte* ou para *além da vida*. Questiona, antes, a recompensa que se pode esperar do trabalho neste mundo: *o que é melhor para o homem nesta vida?*

É no mínimo digno de nota que Montaigne se refira a este texto tão polêmico como “*o que diz a Sagrada Escritura*”, justamente no elogio de comer, beber e viver a alegria mortal que nos cabe diante de um tempo cíclico em que tudo se repete.

1.2. Frágil remissão

Mais relevantes e privilegiados do que a frágil remissão ao Eclesiastes, parecem ser os *inúmeros* outros autores citados, com mais rigor e muito mais explicitamente e que, além de tudo, nos oferecem a conveniência de seguir uma já consagrada tradição de interpretação:

Citando clássicos como Cícero, Horácio e Sêneca, Montaigne conjectura sobre o *Carpe Diem*, expressão latina que numa tradução mais ou menos livre significa viver intensamente o momento presente. No entanto, isto não significa levar uma vida sem equilíbrio, desregrada. Antes, é viver com maturidade, sem pensar na vida como morte (Monte Alto 6, pp. 21-29).

Sêneca, a primeira remissão, estabelece e sintoniza o assunto: “filosofar é preparar-se para a morte” (p. 48). E situa a real dimensão do problema: “a primeira hora de nossa vida é uma hora a menos que tereis para viver” (p. 53).

Citações claras e precisas de Cícero e Horácio nos colocam diante da inexorabilidade da morte⁴, que não apenas nos persegue, mas para a qual tendemos. Condição que rendeu menção a Cláudio, em uma analogia com o suplício do condenado que aguarda a pena de morte⁵.

Lucrécio, por sua vez, o campeão de remissões, estabelece o paradigma da *circularidade e eternidade do tempo*, alertando para sairmos do banquete da vida saciados, o que implica que a satisfação é a porção que podemos ter enquanto ele durar⁶.

Reservaríamos a Horácio o movimento de deslocamento com relação ao sentido da morte, ao apontar cada dia como vivido por completo, sendo seu último e seu fim⁷. Devemos colhê-lo como porção diária. “Por que, em tão curta vida, fazer tantos projetos?” (Montaigne 5, p. 51).

Notemos entretanto que, se observadas as citações, sábios e sólidos argumentos acabam por se colocar uns contra outros, apresentando idéias contrárias para uma mesma questão. Comparem-se, respectivamente, Horácio e Cláudio, nas imagens do homem em seu *último dia*:

“Pensa que cada dia é o teu último dia, e aceitarás com gratidão aquele que não mais esperavas”

e

“Inquieta-se com o caminho, conta os dias, mede a vida pela extensão da estrada, sem cessar atormentado pela idéia do suplício que o espera”

Ou ainda, aquele que sabe que vai morrer pode temer deixar uma obra incompleta (Virgílio)⁸, mas pode preferir que a morte o surpreenda em pleno trabalho (Ovídio)⁹ e que, segundo Montaigne, uma vida, longa ou curta, é sempre completa.

Estamos diante de posições que nos levam a pensar sentidos contrários para uma mesma questão, sem que um ou outro possa ser descartado como absurdo.

Como em Eclesiastes, podemos também aqui interpretar as citações contraditórias como posições para se refutarem mutuamente, em um movimento argumentativo do pró-ao-contrário. Também aqui a investigação guarda o mesmo caráter prático: o que se busca é que “*tenda para nossa satisfação*”.

2. O que é melhor para nós?

Existe um deslocamento da própria questão, análogo nos textos. Não se trata de pensar ou não na morte diante do fato inexorável de que caminhamos para ela; ou esperar ou não por algum tipo de pagamento: morremos qualquer que seja a situação. Trata-se antes de, em vista de que morremos, qual *sentido* pode estabelecer *o que é melhor para nós?*

Em Montaigne, a linha demandada por Cícero nos levaria à busca de uma preparação para a morte. No entanto, o texto todo será direcionado para uma constatação interessante: não nos preparamos, de fato, para a morte, no entanto tudo é preparação para ela, já que estamos a morrer. Ou, por outro lado, por mais que estejamos preparados para a idéia da morte, nunca estaremos preparados de fato para ela:

A chegada da morte não me surpreenderá; acho-me sempre, e quanto posso, preparado para essa ocorrência (Montaigne 5, §16, p. 51).

Entretanto, muitos dirão, afirma Montaigne:

que em sua realidade a morte ultrapassa a nossa concepção; por mais que nos preparemos para enfrentá-la, quando ela chegar estaremos no mesmo ponto (Montaigne 5, §20, p. 52).

E, no entanto, concluirá no final do Ensaio:

Feliz é a morte que nos surpreende sem que haja tempo para semelhantes preparativos (Montaigne 5, §30, p. 55)!

Em Eclesiastes a pergunta é pelo ganho debaixo do sol. Mas o texto vai nos direcionar para a constatação de que não existe propriamente ganho, mas porção que nos cabe.

A intenção da investigação é descobrir que *proveito* ou *ganho* existe para o ser humano, de todo o trabalho (fadiga) que acontece debaixo do sol (Eclesiastes 1,3); e, o que é bom para o ser humano fazer debaixo do sol nos dias limitados da sua vida. A intenção de Qohélet parece ser aqui alcançar o sentido mais prático possível da vida (Duarte 1, p. 72).

Em 2,10 Qohélet usa o termo alegria, introduzido já em 2,1, e diz que depois de percorrido o caminho em sua perseguição, tarefa que realizou com sucesso (2,4-9), pode nos apresentar os frutos dessa experiência:

... Nada recusei aos desejos de meus olhos; jamais privei o meu coração de alguma alegria, pois o meu coração se alegrava de todos os meus esforços. E esta é a minha *porção* (que provém) de toda a minha fadiga (Eclesiastes 2,10).

É importante ressaltar que, desviando a linha inicial que perguntava por *ganho*, Qohélet não vai utilizar o termo ganho ou vantagem para caracterizar a alegria, mas sim o termo *porção*.

De forma análoga, os autores nos alertam para o fato de que, havendo ou não ganho de nosso trabalho diante do sentido da morte, existe um outro

valor que pode nos indicar o que é melhor para a vida: não como um ganho diante da morte, mas como uma porção humana diante da vida.

3. Saga da vaidade com a aflição de espírito

O texto de Qohélet investiga o *trabalho do homem* em vista das vantagens que podemos ter dele. O tema central é apresentado logo no § 3:

Que vantagem tem o homem, de todo o seu trabalho, que ele faz debaixo do sol (Eclesiastes 2, 1, 3)?

A tradução ‘*sob o sol*’, ‘*debaixo do sol*’ é literal do hebraico e parece ter o sentido de exprimir simplesmente o que acontece nesse mundo, aparecendo vinte e nove vezes em Qohélet e em nenhum outro lugar na bíblia. Parece que Qohélet pretende com ela delimitar o espaço vital humano, fazendo referência ao que acontece neste mundo diferentemente do que acontece no céu (Cf. Duarte 1, p. 60).

O termo *trabalho* deve ser caracterizado a partir de dois aspectos: “o esforço e a eficácia-rendimento”. *Trabalho* representa tanto o esforço de alguém quando trabalha quanto o resultado daquilo pelo que se esforça. “Abarca tanto o trabalho fatigante do homem, como seu resultado, a posse” (Duarte 1, p. 61).

Acreditar que a alegria provenha das mãos de Deus faz parte da fé israelita. Mas Qohélet afirma também que a alegria provém do trabalho, que leva tradicionalmente uma denotação de ônus e o sentido de problema e esforço, freqüentemente relacionado com engano, futilidade.¹⁰

No entanto Qohélet dá um sentido novo ao trabalho.

Aparentemente ele também participa da tradição de Israel segundo a qual o trabalho é visto como um castigo por causa do pecado (cf. Gênesis 3,17-19). Também vê o trabalho como obrigação a ser cumprida: “uma triste tarefa deu Deus aos homens para que se atarefem com ela” (cf. Eclesiastes 2, 1,13).

Além disso, ao investigar a respeito dessa tarefa para procurar “o ganho que tem o homem de todas as fadigas com que se afadiga debaixo do sol (Eclesiastes 2,1,3)”, reconhece que o fruto do trabalho também é vaidade (sopro de vento). Não se pode reter o fruto do trabalho (Eclesiastes 2, 2, pp.18-20) para sempre, e nem mesmo garantir seu usufruto para a descendência.

Para quem trabalho e me privo de satisfações? (4,8)

Os contextos nos quais o termo *trabalho* é entendido negativamente como amargura aparecem sempre do ponto de vista do acúmulo e da competição. O acúmulo de bens e a competição são inúteis. O acúmulo, porque não podemos reter o fruto da fadiga, nem mesmo para nossos descendentes; a competição, porque dois é melhor do que um.

Quando é experimentado no cotidiano da vida e compartilhado com outras pessoas, o trabalho adquire um sentido positivo: “melhor dois que um só, visto que terão um bom ganho em seu trabalho” (4,9). Neste caso o melhor é trabalhar e experimentar do fruto do trabalho.

Para Qohélet o trabalho não é um castigo, é dom de Deus (2,24; 3,13), é a porção humana (5,17) (Duarte 1, p. 80).

A investigação de Qohélet terá por foco o homem e os resultados de suas ações debaixo do sol. (Eclesiastes 1,12-16): vai tratar da questão do ponto de vista do trabalho como *atividade* e *porção* humanas. Uma das primeiras coisas que constata é a *fraqueza do princípio de causa e efeito* na retribuição ou paga para a boa ação: há justos que sofrem e injustos que recebem a sorte dos justos (8,14). Enfoca tudo que envolve a vida humana: prazeres, riquezas, trabalho, sabedoria, descendência, poder político, a prática da religião, vida longa. Constata novamente que todas essas possíveis pagas são também efêmeras e passageiras: tudo é vaidade. Parece haver um desmentido geral de que exista uma *vantagem* nisso tudo.

Diante do fato de que as realizações ou coisas materiais (“debaixo do sol”) não oferecem valores ou vantagens permanentes, qual deve ser nossa atitude? Devemos ou não gozar os bens presentes oferecidos por Deus?

Passa então, Qohélet, sob o crivo de razões *pró e contra*, a *vantagem* que o homem obtém de seu trabalho.

Para tornar mais clara a oscilação da argumentação, numeraremos em colchetes, de [1] a [5], as sucessivas passagens do pró-ao-contra.

Num primeiro momento, o pregador conclui que deverá, do quinhão que tem no mundo diante do trabalho que realiza, gozar o prazer. É o ponto de partida do movimento, justamente a citação de Montaigne:

[1] (3,12-13): Já tenho entendido que não há coisa melhor para eles do que alegrar-se e fazer bem na sua vida; e também que todo o homem coma e beba e goze do bem de todo o seu trabalho; isto é um dom de Deus.

Mas, como vimos, tem o primeiro contato com a falha da relação causa-efeito: “no lugar do juízo havia impiedade e no lugar da justiça havia iniquidade” (3,16). Todos vão para um mesmo lugar. E logo a questão começa a tomar o outro rumo:

[2] (4,1): voltei-me e atentei para todas as opressões que se fazem debaixo do sol; e eis que vi as lágrimas dos que foram oprimidos e dos que não têm consolador e a força estava do lado dos seus opressores; mas eles não tinham consolador.

Com esta crítica de caráter *político* Qohélet acaba desvelando algo de muito grave:

Há um grave mal que vi debaixo do sol e atrai enfermidades: as riquezas que os seus donos *guardam para o seu próprio dano*; (5,13)

Nesse caso não há o que gozar, pois isso é excludente com relação à acumulação. De que valeu *trabalhar para o vento* e ter “padecido muito enfado” nesse trabalho?

No entanto, também isso é vaidade, já que as riquezas não permanecem: se perdem por qualquer aventura. Isso é um grave mal, mas assim como veio há de ir: também é vaidade. Novamente estamos diante do fato de que o melhor para nós é nos voltarmos à porção que nos cabe no dia:

[3] (5,18): Eis aqui o que eu vi uma boa e bela coisa: comer e beber e gozar cada um do bem de todo o seu trabalho em que trabalhou debaixo do sol todos os dias de vida que Deus lhe deu porque esta é a sua porção.

No entanto, novamente ao observar tais homens, percebe que trabalham

“... Para a sua boca e contudo nunca se satisfaz o seu espírito.” (6,7)

Além disso, constata mais uma vez a falha na relação de causa-efeito:

“Ainda há outra vaidade que se faz sobre a terra: que há justos a quem sucede segundo as obras dos ímpios e há ímpios a quem sucede segundo as obras dos justos. Digo que também isto é vaidade.” (8,14)

Por um lado percebe-se que o gozo do homem do seu trabalho converte-se em aflição de espírito, na medida em que tende para a acumulação e a cobiça, algo que parece ser uma característica dele. Por outro, percebe-se que mesmo aquele que não cai na cobiça não tem a garantia da paga do justo e pode receber o quinhão do ímpio.

[4] (8,17) Então vi toda a obra de Deus que o homem não pode perceber a obra que se faz debaixo do sol por mais que trabalhe o homem para a descobrir não a achará; e ainda que diga o sábio que a conhece nem por isso a poderá compreender.

De que vale qualquer obra debaixo do sol? O que pode oferecer de satisfação?

O homem não conhece nem o amor nem o ódio: tudo passa perante ele.

“... O coração dos filhos dos homens está cheio de maldade e há desvarios no seu coração enquanto vivem e depois se vão aos mortos.” (9,3)

No entanto, para quem está vivo, ainda há esperança. A aflição de espírito também é vaidade, efêmera. Também um sopro de vento. E se tudo passa diante do homem:

“Também o seu amor o seu ódio e a sua inveja já pereceram e já não têm parte alguma para sempre em coisa alguma do que se faz debaixo do sol.” (9,6)

E novamente temos uma nova reviravolta, a última, reafirmando a primeira: não há mal em gozar as coisas debaixo do sol, mas sim em manter uma expectativa de ganho ou acumulação, que traz aflição de espírito nos alienando de colher a porção que nos caberia de satisfação.

[5] (9,7): Vai pois come com alegria o teu pão e bebe com coração contente o teu vinho pois já Deus se agrada das tuas obras.

Parece que podemos dizer que “debaixo do sol” nos cabe apenas o tempo presente. Ou seja, as ações são bens enquanto ações, mas não garantem um valor a não ser “abaixo do sol”, onde serão tão efêmeras quanto a própria vida humana.

“Porque quem sabe o que é bom nesta vida para o homem, por todos os dias da sua vaidade, os quais gasta como sombra? Porque quem declarará ao homem o que será depois dele debaixo do sol?” (6,12)

Recusar essa condição humana é colher aflição de espírito, já que nomeados, somos o que somos: homens. No entanto, fixar-se apenas nesta condição iguala os triunfos e as opressões num mesmo e eterno enfado diante do término dos tempos. O que significa que não se trata de gozar irresponsavelmente a vida, mas de buscar um equilíbrio que, ao final, renda os tais frutos do dia.

4. Da volúpia com a dor

Quando Montaigne cita Cícero sobre o preparo para a morte, abre duas possibilidades: ou nos preparamos mesmo, nos acostumando a desligar do corpo gradativamente, num certo sentido morrendo em vida; ou aprendemos simplesmente a não ter medo, como resultado da prática da sabedoria e da inteligência.

Vale notar que o primeiro caso dá certo sentido de conformação diante de algo desagradável, mas com o qual vamos nos acostumando.

“... Quanto mais me desprender da vida e me aproximar da morte, tanto mais facilmente me conformarei com a passagem de uma para outra.” (Montaigne 5, §20, p. 52)

Há também um sentido de decadência, já que para caminhar da vida à morte é necessário ir perdendo as funções vitais.

“... Conduzindo-nos pela mão, devagar, quase insensivelmente, a natureza nos familiariza com essa miserável condição. De tal modo que a mocidade se extingue em nós sem que lhe percebamos o fim.” (Montaigne 5, §22, p. 52)

Já o segundo caso é diferente, não existe uma conformação, mas sim um *destemor*. Diante de uma inevitável decadência posso continuar não me conformando, mas posso muito bem perder o medo de enfrentar a situação. No mínimo estaria me livrando dos grilhões do pavor.

“Meditar sobre a morte é meditar sobre a liberdade; quem aprendeu a morrer, desprendeu de servir” (Montaigne 5, §13, p. 51)

Esse destemor dá um sentido de força e vitalidade recuperada, mesmo que continuemos no mesmo caminho da morte. Perder o medo é arrojar-se:

“... Nenhum *mal* atingirá quem na existência compreendeu que a privação da vida não é um *mal*; saber morrer nos exime de toda sujeição e constrangimento.” (Montaigne 5, §13, p. 51)

Outra questão que os diferencia: o primeiro, o do *acostumar*, é definido como “quase” um aprendizado, é “como se fosse um aprendizado”. Já o segundo “resulta” da inteligência e sabedoria quando “aprendemos a morrer”.

No texto em que Montaigne nos remete ao Eclesiastes, notamos duas questões importantes: que filosofar é um trabalho humano como tantos, debaixo do sol; e que deve ter por tendência nossa satisfação. A razão que não falha procura algo de satisfatório na busca do sentido, assim como o homem deve procurar um sentido de satisfação no que faz.

O ofício da filosofia é serenar as tempestades da alma e ensinar a rir da fome e da febre, não mediante um epíclito imaginário qualquer, mas por meio de razões naturais e sólidas. *Tem por fim a virtude*, a qual não está, como quer a Escolástica, colocada no cimo de algum monte alcantilado, abrupto e inacessível (Montaigne 5, I, XXVI, p. 86).

A afirmação do próximo parágrafo pode surpreender: *a virtude visa sempre a volúpia*. Se a filosofia, que é aprender a morrer, tem por fim a virtude e esta a volúpia, aprender a morrer e filosofar visam por sua vez a volúpia.

Volúpia, em diversas passagens nos Ensaios, está *contraposta* à “dor”. Em *O bem e o mal só o são, as mais das vezes, pela idéia que deles temos* (Montaigne 5, I, XIV), Montaigne faz recorrentemente essa relação de dicotomia:

“É fácil verificar que nosso estado de espírito é que excita em nós a dor e a volúpia.”

“Nós nos amolecemos, não menos pela volúpia do que pela dor e nesse estado nada mais temos de viril e forte.”

Aqui a volúpia está sendo relacionada à virtude, mas não em uma relação de *justaposição*. Se Qohélet diz *tudo é vaidade*, Montaigne parece dizer: *tudo é volúpia!* Aprender a morrer, filosofar, buscar a virtude: tudo é volúpia. Existe, é verdade, uma volúpia de ordem menos elevada, aquela talvez que dê à palavra o seu sentido de “constrangimento”.

“... Se acreditam que mereça igual nome que o mantenham, mas não com exclusividade.” (Montaigne 5, §2, p. 48)

Quem acha que a conquista da virtude é laboriosa e austera, como que a dizer que seja desagradável, engana-se: “não há prazer conhecido cuja procura em si já não constitua uma satisfação.” A satisfação deve estar ligada à virtude tanto no objetivo final de alcançá-la, quanto em sua jornada.

“Ela liga-se ao objetivo visado e contribui muito para o resultado de que participa essencialmente.” (Montaigne 5, §3, p. 49)

A virtude nos traz um *benefício*: o desprezo que nos inspira pela morte. Sem esse desprezo, qualquer volúpia perde o encanto.

O trabalho da razão não deve desligar-se de nenhum dos dois aspectos: deve aprender a enfrentar o *temor* da morte, mas deve fazê-lo não pelo processo de conformação e negação da vida, mas por um processo que *aprenda para a vida*, de forma que o homem obtenha satisfação desse aprendizado.

“Bem indigno de senti-lo é por certo quem pesa o custo e o rendimento.” (Montaigne 5, §3, p. 49)

O trabalho filosófico para Montaigne parece muito com aquele que não cobiça e pode ser compartilhado, apresentado por Qohélet. Compartilhar reflexões que temos diante do receio de morrer, filosofar, construir um discurso,

não podem significar um caminho que nos afasta da vida. Aprender a morrer não é um trabalho penoso, frustrante e dolorido: é um dom da razão.

Não nos preparamos para a morte, assim como não existe ganho no trabalho do homem debaixo do sol. Mas assim como para Qohélet existe uma porção de alegria e satisfação que pode ser colhida a cada dia, existe um aprendizado que a cada dia experimentamos e que nos torna menos medrosos, mais vigorosos e fortes. Filosofar não nos prepara para a morte, mas é nossa porção humana de alegria diante dela.

Diante da morte inevitável, devemos ou não pensar nela a cada instante? Podemos ou não nos preparar para ela? Num primeiro momento é apresentada a posição do “homem vulgar”:

[1] *O remédio do homem vulgar consiste em não pensar na morte. [...] persignam-se como se ouvissem falar no diabo. [...] Deus sabe em que estado de espírito se encontram então, sob o impacto da dor e do pavor. (grifos sempre meus) (Montaigne 5, §6, p. 49).*

Mas logo parece contestar: “quanta estupidez será necessária para uma tal cegueira?”

As pessoas se apavoram só de ouvir o nome da morte. A morte tem muitas maneiras de nos surpreender e nos espreita em cada canto. Não apenas espreita: persegue o homem.

“quando ela nos cai em cima, ou em cima de nossas mulheres, nossos filhos, nossos amigos, que os surpreenda ou não, quantos tormentos, gritos, imprecações, desespero!” (Montaigne 5, §12, p. 50) “Vistes alguém mais humilhado, transtornado, confundido? *É preciso preocupar-se com ela de antemão.*” (Montaigne 5, §12, p. 50)

Parece que, para Montaigne, mesmo que quiséssemos não pensar na morte, o fato de que nos cause tanto impacto nos induz, inevitavelmente, a nos preocuparmos com sua preparação, a primeira reviravolta:

[2] (Montaigne 5, §12, p. 50): Para começar a despojá-la da vantagem maior de que dispõe contra nós, tomemos por caminho inverso ao habitual. Tiremos dela o que tem de estranho; *pratiqueemo-la, habituemo-nos a ela, não pensemos em outra coisa; tenhamos-la a todo instante presente em nosso pensamento e sob todas as suas formas.*

No entanto, para fazer o que nos cumpre fazer antes de morrer, “todo tempo parece curto”. Na ânsia de estar preparado, acabamos por não tirá-la da cabeça: ela se mistura sem cessar ao pensamento, nele se grava. Acabamos vivendo em função dela.

“Suficiente trabalho teremos com esses nossos negócios próprios, para que nos embarcemos com outros.” (Montaigne 5, §16, p. 51)

Mais do que a morte, as pessoas temem a interrupção que ela traz aos nossos planos: lamentam-se de não terem podido casar a filha ou educar as crianças; ou deixar a mulher, outro o filho.

“Não terminarei nunca a minha obra – lamenta o arquiteto –, deixarei pois imperfeitos esses soberbos baluartes.’ Nada se emprenda pois, em vista de tão remota conclusão, pelo menos não se o faça com a apaixonada intenção de chegar ao fim. Nascemos para agir: ‘quero que a morte me surpreenda em pleno trabalho’.” (Montaigne 5, §16, pp. 51-52)

Mas isso significa que já estamos tendendo novamente ao pensamento contrário:

[3] Vamos agir portanto e prolonguemos os trabalhos da existência quanto pudermos, e que a morte nos encontre a plantar as nossas couves, mas *indiferentes à sua chegada e mais ainda ante as nossas hortas inacabadas* (Montaigne 5, §17, p. 52).

Mas existe pelo menos uma vantagem em nos prepararmos para ela:

Sem dúvida *uma tal preparação comporta grandes vantagens*, pois será pouco caminhar ao seu encontro sem apreensões? (Montaigne 5, §20, p. 52)

A própria natureza nos indica que existe uma conformação natural que nos leva gradativamente a ela.

“As flutuações a que se sujeita a nossa saúde, o enfraquecimento gradual que sofremos, são meios que a natureza emprega para dissimular-nos a aproximação de nosso fim e de nossa decrepitude.” (Montaigne 5, §21, p. 52)

Não a suportaríamos se viesse de repente. Então talvez o melhor para nós fosse pensar na morte a todo instante: de novo ao pensamento contrário.

[4] Se tornou em mim um hábito não somente ter sempre presente a idéia da morte como também *falar dela constantemente* (Montaigne 5, §19, p. 52).

Afinal, a morte é um fato que tem seu lugar próprio garantido na organização do universo.

“Morrer é a própria condição de criação. [...] A existência de que gozais participa da vida e da morte a um tempo; desde o dia de vosso nascimento caminhais concomitantemente na vida e para a morte: ‘a primeira hora de

vossa vida é uma hora a menos que tereis para viver’ – ‘nascer é começar a morrer; o último instante de vida é consequência do primeiro’.” (Montaigne 5, §24, p. 53)

A *utilidade* da vida não reside em sua duração, mas no emprego que fazemos dela, tampouco pode ser considerada curta ou longa, já que, ao seu término, está completada.

O que nos leva a considerar o pensamento contrário. Será que fazendo parte da própria história do universo – que é cíclica e se repete sempre – o melhor para nós não é deixar de contender com algo com o qual não podemos? Para que ficar se preparando para algo inevitável?

“Estranho que a morte, em sendo a mesma para todos, a acolham com mais calma os camponeses e o povo miúdo que os outros.” (Montaigne 5, §30, p. 55)

Talvez sejam justamente as caras tristes das pessoas e todo o aparato fúnebre que nos imprimam temor, mais do que ela. Talvez aquele *homem vulgar* que foi citado tenha algo de razão em não pensar na morte.

“Quando ela se aproxima, há uma modificação total em nossa vida cotidiana: mães, mulheres e crianças gritam e se lamentam. Inúmeras pessoas nos visitam, consternadas; a gente da casa aí está, pálida e desesperada.” (Montaigne 5, §30, p. 55)

No entanto, arrancadas todas as máscaras, das pessoas e das coisas, o que vemos é pura e simplesmente a morte, a mesma com que partiu ontem um criado ou aia, sem maior pavor ou apreensão.

[5] Feliz é a morte que nos surpreende sem que haja tempo para semelhantes preparativos! (Montaigne 5, §30, p. 55).

V. Coda

Qohélet afirma: “não há nada melhor para o homem do que comer e beber e desfrutar de seu trabalho” (2,24). Montaigne, por sua vez, em frágil remissão faz soar um eco levado pelo vento:

“Em verdade, ou nossa razão falha ou seu objetivo único deve ser a nossa própria satisfação, e seu trabalho tender para que vivamos bem, e com alegria, como recomenda a Sagrada Escritura.” (Montaigne 5, §1, p. 48)

Razão que pode até mesmo nos *libertar* da morte. Não por nos *livrar* dela, mas por nos permitir uma razão que dê sentido à vida.

Tentamos aqui seguir vestígios desse eco. Mas como perseguir os seus vestígios, quando se sabe que nenhuma coisa é mais desconhecida ao homem do que os *vestígios do vento*?

Carpe Diem: colhamos enquanto isso a satisfação que pudermos de cada palavra.

Notas

¹ Para as referências usaremos indistintamente Eclesiastes ou Qohélet, que para o escopo deste trabalho podem ser identificados. Usaremos por vezes Ecl e Qoh, como abreviaturas.

² Livre trad. do autor. “Et j’ai connu, dit l’Ecclésiastes (3,12), qu’il n’y a rien de mieux que de se réjouir et de prendre du bon temps durant sa vie.”

³ Lembrando-se, entretanto, que a verdadeira ruptura ocorreria apenas com Hugo Grotius, que em suas *Annotationes* (1644) afirma abertamente que Qohélet não foi escrito por Salomão. Cf. RUDMAN, Dominic. Determinism. In: Longman III 3, p. 12.

⁴ Do primeiro: ela [a morte] é sempre uma ameaça, como o rochedo de Tântalo (p. 49). Do segundo: Marchamos todos para a morte; nosso destino agita-se na urna funerária; um pouco mais cedo, um pouco mais tarde, o nome de cada um dali sairá e a barca fatal nos levará a todos ao eterno exílio (p. 49).

⁵ [O condenado] Inquieta-se com o caminho, conta os dias, mede a vida pela extensão da estrada, sem cessar atormentado pela idéia do suplício que o espera (p. 49).

⁶ Cf. respectivamente: “Giramos sempre em torno do mesmo círculo” (p. 54); “Por que não sair do banquete da vida como um conviva saciado?” (p. 53).

⁷ “Pensa que cada dia é o teu último dia, e aceitarás com gratidão aquele que não mais esperavas” (p. 51).

⁸ Não terminarei nunca a minha obra – lamenta o arquiteto –, deixarei pois imperfeitos esses soberbos baluartes (p. 52).

⁹ Quero que a morte me surpreenda em pleno trabalho (p. 52).

¹⁰ Cf. Jó 16,2 (‘você são consoladores molestos/ pesados’) e o Sl 73,16 (‘foi tarefa penosa para mim’). Labor em Dt 26,7; Sl 73,16; 107,12; Is 53,11. Iniquidade, engano, futilidade como em Is 10,1; Sl 94,20; Pr 24,2; Sl 7,15-23. (Duarte, p. 81)

Bibliografia

1. DUARTE, Samuel de Jesus. *Carpe Diem: o sentido da vida em Qohélet 9,7-10*. Rio de Janeiro: Maxwell – Biblioteca Digital, PUC-RJ, 2005. Dissertação de Mestrado. Orientador: Manuel Bouzon.
2. ECLESIASTES. *Bíblia Sagrada*. Trad. João Ferreira de Almeida. São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil, 1995.
3. LONGMAN III, Tremper. *The Book of Ecclesiastes*. Cambridge: Grand Rapids, 1998.
4. MONTAIGNE, Michel de. *Essais*. Paris: Garnier Frères, 1948 [1774]. *Nouvelle*

édition établie sur le texte de l'édition originale posthume de 1774, avec les principales variantes des autres éditions, une introduction, des notes, un appendice et un index, par Maurice Rat.

5. _____ . *Ensaio*s. Trad. Sérgio Milliet. São Paulo: Abril Cultural, 1972.
6. MONTE ALTO, Rômulo. “De Montaigne a Calvino: a leveza do ensaio”. In: QUEIROZ, Sônia (org.).
7. QUEIROZ, Sônia (org.). *Amadores*. Belo Horizonte: Viva Voz, FALE/UFMG, Departamento de Letras Vernáculas, 1996.